



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

O Trágico e o Cômico na Direção da Análise

www.voxinstituto.com.br

O Trágico e o Cômico na Direção da Análise

Maria Cristina T. Prandini

Em toda a tragédia há o nó e o desenlace. O nó é constituído por todos os casos que estão fora da ação e muitas vezes por alguns que estão dentro da ação. O resto é o desenlace. Digo, pois, que o nó é toda parte da tragédia desde o princípio até aquele lugar onde se dá o passo para a boa ou má fortuna e o desenlace, a parte que vai do início da mudança até o fim.

Essas são palavras de Aristóteles sobre a tragédia e eu tomo a liberdade de traçar um paralelo com o percurso de uma análise e incluo a comparação que Freud faz da análise com o jogo de xadrez, onde conhecemos o início e o fim da partida. Entre um ponto e outro, muitas jogadas possíveis.

Sabemos, no entanto, que os movimentos numa análise não são nem tão numerosos nem tão variados, que o analista é pouco livre na sua estratégia, no manejo da transferência, uma vez que quem busca alívio para o seu sofrimento, já chega marcado pela sua trama familiar, fazendo parte de um enredo que não foi escrito por ele, no qual ocupa um lugar fantasmático que lhe garante existência, consistência desse mesmo amor, ainda que às custas do seu desejo.

O analista é convocado a ocupar um lugar na história do sujeito em análise e o faz pautado pela sua ética que não se confunde com a moral nem com normas de conduta, ética do desejo pela via do trágico que implica reconhecer que, ao desejar, o sujeito vive uma perda, perda de certeza, de gozo, de consistência de si mesmo.

Ao ocupar sua função na cena analítica, o analista paga um preço, paga com a sua palavra, com o seu ser, tal qual um ator numa peça de teatro, empresta seu corpo ao personagem, paga com a sua pessoa "pela transferência ele é literalmente despossuído dela".

A forma como vai se dar este pagamento nem sempre é possível prever.

Uma pequena passagem da minha clínica:

Recebo em meu consultório um casal acompanhado de seu filho, vou chamá-lo de João, 7 anos.

Os pais estão angustiados, preocupados com as sucessivas brigas em família, nas quais João está sempre presente, na verdade, na maior parte das vezes, ele é a origem. Preocupados e bravos. Muitas histórias.

João tenta apresentar a sua versão. Novas histórias. Tentando explicar o que acontece, faz referência a um pufe.

- Um pufe?
- Sim, aqueles almofadões, sabe?

Volta a contar histórias e de novo lá está o pufe.

Sem que eu pensasse muito, por que, se pensasse, talvez não teria feito, eu falo:

- "olha, o problema todo é este pufe, é melhor mandá-lo embora".

Se foi uma tentativa de diminuir a tensão, não fui muito feliz, ao meu embaraço se juntou o sorriso amarelo dos pais. Mas, ouvi um suspiro de João e identifiquei ali um alívio.

João se engajou na sua análise, de forma decidida, e aos poucos vai revelando sua decepção e desalento com seus pais.

Compara-os com os pais dos amigos, alguns têm pais esportistas, outros levam os filhos em museus, alguns jogam até PlayStation.

"Meus pais são bons pais, fazem tudo certo, mas... são assim, funcionários" .

Interpretando a falta de amor e vitalidade dos pais, João assume uma posição. Quer animá-los, bancar o palhaço, faz graça, cada vez mais sem nenhuma graça. Ninguém ri e ele ainda leva bronca e tudo acaba em briga.

Foram muitas as voltas na sua análise até que João pudesse construir uma nova posição.

O pufe ficou como a marca de um momento atrapalhado da analista, que de vez em quando ele lembrava:

... "Que mico hein, Cristina?!"

Esta história estava esquecida e retornou quando escolhi comentar a passagem do *Seminário VII* onde Lacan, para destacar o destino trágico de Édipo em Colono, faz referência ao rei Lear, peça teatral de Shakespeare. Para entender melhor esta indicação de Lacan, reli a peça e revi o filme e fiquei capturada pelo bobo da corte que literalmente roubou a cena.

Para nos transmitir a radicalidade de desejo do herói trágico, Édipo em Colono, Lacan põe em cena a figura do rei Lear.

PRANDINI, Maria Cristina T.: O trágico e o cômico na direção da análise. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral, Jornada de Abertura, Lacan: Seminário VII, realizada em 19-20/02/21.

Neste momento do Seminário, ele coloca em discussão os paradoxos da ética e as metas morais da Psicanálise.

Ele pergunta "será sustentável reduzir o sucesso de uma análise a uma posição de conforto individual, vinculada. Esta função que podemos chamar de serviço dos bens, bens privados, bens da casa, bens de família e outros bens?"

Lacan dá sequência à discussão dos capítulos anteriores onde estabelece o bem como uma das barreiras ao desejo.

"é a muralha com a qual lidamos o tempo todo e sempre".

Se a relação do humano com os bens é determinada pela cadeia significante, pela sua relação com o Outro, precisamos considerar o próprio sujeito como bem, marca da sua constituição, onde ele tenta garantir sua ilusão de ser sem falta, obturando ilusoriamente a falta no Outro.

Ilusão constitutiva do amor

E é justamente em torno do amor insano, desmedido, que a tragédia do rei Lear acontece.

Há duas saídas para o paradoxo do desejo, a trágica do Édipo em Colono, de Antígona e a derrisória do rei Lear, que é ambíguo na sua renúncia ao serviço dos bens, quer abrir mão dos encargos do reino, já que se aproxima da morte, mas quer manter o séquito, a glória, as honrarias.

Harold Bloom, crítico teatral, estudioso de Shakespeare considera esta a mais trágica das tragédias, onde um primeiro passo, uma escolha equivocada leva a uma série de infortúnios.

Lear, rei da Bretanha, anuncia que vai se afastar do trono, dividindo o reino entre as suas três filhas, privilegiando a que lhe declarar mais amor.

As duas mais velhas declaram o seu amor de forma grandiosa, ficando evidente a bajulação e a falsidade que a vaidade do rei o impede de perceber.

Cordélia, a mais nova e mais amada, é sincera e frustra o rei com a sua declaração.

Freud, em "O tema da escolha do cofrinho" - um lindo texto, aliás - associa a morte ao silêncio de Cordélia.

É curioso porque, de fato, há a presença da morte não no silêncio e sim nas palavras que ela diz.

PRANDINI, Maria Cristina T.: O trágico e o cômico na direção da análise. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral, Jornada de Abertura, Lacan: Seminário VII, realizada em 19-20/02/21.

Primeiro, ela aponta para a própria divisão, dizendo que, entre o que sente e o que consegue dizer, há uma queda; em seguida, fala da parcialidade do seu amor pelo pai, ela o ama, sim, como filha, mas vai amar também o seu marido.

Diante disso, o que vemos é uma explosão de ódio de Lear, amaldiçoando a filha, expulsando-a do reino e dividindo a sua parte entre as duas filhas.

Esse é o seu gesto insano que põe em andamento todos os acontecimentos desastrosos determinando a vida e a morte dos personagens.

Tudo é excessivo - disputa pelo poder, traição, ingratidão e loucura.

A entrada do bobo em cena cumpre duas funções:

- fazer um contraponto à angústia do espectador, sendo que o elemento cômico na tragédia não dissolve o trágico, não dissipa o conflito, mas faz constar como a presença do absurdo, da falta de sentido, que possibilita o encontro com a verdade.

Um exemplo disso é a cena V do primeiro ato, onde o bobo, por meio de falas absurdas, charadas, vai preparando o terreno para poder dizer ao rei o que ele vem tentando evitar - que ele ficou velho antes de ficar sábio.

Outra função que o bobo cumpre é fazer constar a verdade, ele não distrai o rei para ocultar a verdade; ao contrário, ele distrai para poder dizer o que o rei não consegue ouvir:

- que o próprio rei é bobo, sem saber que é, o que o faz mais bobo ainda.
- que ele quer fazer da filha a sua mãe.

Para encerrar, quero incluir uma observação de Jan Kott, que é um estudioso de Shakespeare sobre o bobo e o rei Lear, que nos ajuda a pensar no enlaçamento do cômico e do trágico na direção da análise: "Nos dramas históricos, a dessacrilização da majestade é obra de uma punhalada ou de um gesto que arranca brutalmente a coroa do soberano vivo. Em rei Lear a dessacralização é obra do bobo".

Acho que é possível pensar no traço cômico estabelecendo uma temporalidade na trajetória do sujeito em direção à verdade do seu desejo que é a dimensão trágica e também no esvaziamento dos ideais, dos mandatos superegóicos, do sentido único que habita o sujeito.

PRANDINI, Maria Cristina T.: O trágico e o cômico na direção da análise. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral, Jornada de Abertura, Lacan: Seminário VII, realizada em 19-20/02/21.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*.

BLOOM, Harold. *A invenção do humano*.

FREUD, Sigmund. O tema da escolha do cofrinho. 1913.

FREUD, Sigmund. O início do tratamento ponto. 1913.

KOTT, Jan. *Shakespeare*. Nosso contemporâneo.

LACAN, Jacques. *O Seminário livro 7*. A ética da psicanálise.

SÓFOCLES. *Trilogia Tebana*.